

## A RELIGIÃO COMO SOFT POWER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O CASO DOS ESTADOS UNIDOS

Elizandra Araujo da Silva<sup>1</sup>; Barbara Lucchesi Ramacciotti<sup>2</sup>

1. Estudante do Curso de Relações Internacionais-UMC; elizandra\_a17@hotmail.com;
2. Professora orientadora da Universidade de Mogi das Cruzes; barb.lucrama@hotmail.com.

**Área de conhecimento:** Relações Internacionais.

**Palavras-chave:** Religião. Estados Unidos. *Soft-Power*.

### INTRODUÇÃO

O debate acerca do papel que a religião desempenha na política tem ganhado considerável destaque nos últimos anos. No entanto, a influência da religião na política externa dos Estados continua sendo um campo relativamente pouco estudado (HUNTINGTON, 1993; WARNER e WALKER, 2011; HAYNES, 2008). Há várias razões para isso, entre elas, o fato de grande parte das escolas dominantes de Relações Internacionais não considerarem a religião como um fator significativo na definição de política externa. Os teóricos realistas, por exemplo, geralmente descartam o papel das diferenças religiosas e culturais. Na visão destes, esses fatores não têm condições de mudar o sistema internacional ou influenciar as maneiras pelas quais os estados resolvem seus dilemas e, muito menos, moldar as políticas de Estado. Os teóricos liberais, por sua vez, consideram o papel das identidades e das ideias importantes na definição do interesse nacional e na formação da política externa, entretanto, em sua maioria, também a desconsideram o papel da religião. Essa tendência pode ser explicada pelo viés secularista que essas teorias seguiam, isto é, muitos acreditavam no desaparecimento da religião no futuro. Nos últimos anos, no entanto, com a ascensão de governos conservadores ao redor do mundo que utilizam do discurso religioso em diversas situações, vemos que a influência da religião na política externa é um tópico que merece maior atenção acadêmica. Esses acontecimentos só evidenciam que o papel da religião na política externa não está relacionado com o nível de desenvolvimento econômico de um Estado. Até mesmo os Estados Unidos, um país desenvolvido e principal potência atualmente, pertencem ao grupo em que a religião se tornou um importante elemento formativo na política externa.

### OBJETIVOS

O presente trabalho busca identificar o uso político que o Estado faz da religião, como instrumento de *Soft Power*, para atingir seus objetivos em política externa. O caso dos Estados Unidos é utilizado como objeto de análise, com foco no governo Bush, sobretudo após o 11 de Setembro. Para tanto, o estudo se dará a partir de uma análise histórica bibliográfica sobre o tema.

### METODOLOGIA

Para a definição da metodologia da pesquisa usamos a classificação proposta por Vergara (2003), que a qualifica em relação a dois aspectos: quanto aos fins e aos meios. Quanto aos fins, trata-se de pesquisa teórica de tipo explicativa, que segundo Vergara: "tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar-lhe os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno" (2003, p.47). Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, que segundo Vergara:

"é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma" (2003, p.48). O referencial teórico foi selecionado a partir de dois critérios gerais: autores que são referência do tema e estudos mais recentes. Usou-se o software Publish or Perish, na base de dados do Google Acadêmico, com as palavras-chave da pesquisa em português e inglês. Os principais autores e obras do referencial teórico são: a obra "*Choque de Civilizações*" (1996) de Huntington; o artigo "*Bringing Religion to International Relations*" de Jonathan Fox e Shmuel Sandler (FOX; SANDLER 2004) e a obra "*Religion, Politics and International Relations*" de Jeffrey Haynes (HAYNES, 2011). Como há pouco material traduzido, trabalhamos com os textos em inglês.

## RESULTADOS/DISCUSSÃO

As medidas tomadas em âmbito interno pelo governo Bush, como a criação de mecanismos para maior atuação de entidades religiosas, influenciaram as ações no exterior. Após o 11 de setembro que a religião passou a ter ainda mais influência sobre a política externa norte-americana. Os atentados contribuiriam para consolidar no interior do *establishment* as posições favoráveis à participação dos Estados Unidos em assuntos externos, sendo os principais responsáveis pela vigilância e punição dos inimigos da ordem, colocando a segurança no topo da agenda. O 11 de setembro levou a mudanças notáveis na política externa americana: um renovado entusiasmo pela promoção da democracia pelo mundo, a possibilidade de o país conduzir ataques preventivos para conter ameaças e uma campanha global militar contra o terrorismo, sendo o Al Qaeda o alvo principal imediato e, num segundo momento, regimes considerados hostis aos Estados Unidos. Surgiu então um novo foco internacional para os Estados Unidos: a guerra contra o terror. Essa relativa nova ameaça externa tornou-se sucessora da ameaça comunista da Guerra Fria e o governo Bush definiu que ela requeria uma resposta diferente das perseguidas até então. As operações militares e de construção de nações no Afeganistão e Iraque fizeram parte da chamada guerra global contra o terror. Estas ações foram acompanhadas de um discurso enfático sobre as virtudes da fé religiosa no combate às forças do mal, que estariam reaparecendo sob a roupagem do radicalismo islâmico. Sob a Doutrina Bush, a contenção cede espaço para ações militares preventivas, consideradas mais eficazes para lidar com este tipo de inimigo (SILVA, 2009, p. 271). A presença da religiosidade na política externa estadunidense após o 11 de setembro gera um importante debate dentro e fora do país. Embora o terrorismo fizesse parte das preocupações do governo Clinton, ele irrompe de forma inédita em setembro de 2001, atingindo o território nacional sob a bandeira da guerra santa. Os atentados contribuiriam para consolidar no interior do *establishment* as posições favoráveis à participação dos Estados Unidos em assuntos externos, sendo os principais responsáveis pela vigilância e punição dos inimigos da ordem, colocando a segurança no topo da agenda. Situações dessa radicalidade, em que a população está mais propensa a aceitar raciocínios maniqueístas, favorecem o espaço de atuação de lideranças de apelo moralista, convincentes em justificar suas ações como parte de uma disputa apocalíptica entre o "bem" e o "mal". Revelou-se, no caso de Bush, um "estilo evangélico" de governar, presente não apenas no discurso religioso, mas na decisão de arriscar seu capital político em medidas de restrição das liberdades internas e promoção de intervenções unilaterais no exterior, mostrando persistência no caminho escolhido mesmo com o desgaste que acompanha a crescente percepção de fracasso no Iraque. Neste sentido, a postura de Bush foi funcional na conjuntura ofensiva posterior ao 11 de setembro, angariando apoios republicanos e democratas para legalizar uma doutrina de segurança de alcances estruturais.

## CONCLUSÕES

O conjunto de programas e instituições baseadas na fé criadas durante o governo Bush, juntamente com outras ações, conjuntas e paralelas, buscaram firmar concepções religiosas na burocracia estatal e no cotidiano da sociedade norte-americana. A partir disso, marcou-se posição diante das mais variadas temáticas contemporâneas, desde como lidar com os desenvolvimentos científicos no trato de células-tronco, passando pela construção de uma agenda de saúde pública sobre aborto, educação sexual e Aids, chegando ao conteúdo da educação pública e da orientação sexual (SILVA, 2009). Sob governo Bush, portanto, houve uma guinada nas relações entre grupos religiosos, sobretudo a direita cristã, com a política por meio o Partido Republicano. As ações de Bush em âmbito interno e o apoio que recebeu de grupos religiosos, serviu como base para suas ações no exterior. Isso fica nítido a partir dos eventos do 11 de setembro, quando é possível observar uma mudança significativa na política externa norte-americana que passa a utilizar a religião como Soft Power para legitimar ações de interesse estadunidense, sobretudo, em países do Oriente Médio e África. Conforme visto, a posição assumida por Bush após o 11 de Setembro, reforçou preconceitos e desinformações contra uma cultura diferente da ocidental e uma religião diferente da cristã. Ações do Estado baseadas no discurso religioso podem ser muito perigosas no sentido de estabelecer verdades absolutas entre supostas forças do bem e do mal. Dentro dessa lógica, não por coincidência, o suposto mal é sempre representado por países subdesenvolvidos, não ocidentais e/ou não cristãos. Vale lembrar que, no entanto, o Ocidente vive em sociedades relativamente pacíficas que comportam uma grande violência estrutural, a qual estamos acostumados, como a desigualdade social, a fome, a marginalização, discriminação degradante etc. Assim, o presente trabalho buscou resgatar o debate acerca da religião nas Relações Internacionais, entendendo que o tema merece maior atenção por parte dos analistas da área, no sentido de reconhecer a religião como um fator capaz de influenciar a relação entre os Estados. A análise do caso dos Estados Unidos é importante, pois, a partir dela, é possível desmistificar a ideia de que os países desenvolvidos e laicos não utilizam do discurso religioso para atingir fins políticos. Desta forma, a presente pesquisa pretendeu lançar luz sobre questões importantes que envolvem o uso político da religião, sem, no entanto, ter a pretensão de esgotar temas tão complexos e com profundas raízes históricas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FOX, Jonathan., SANDLER, Shmuel. **Bringing Religion Into International Relations.** Research Gate, 2004.

HAYNES, Jeffrey. **Religion and Foreign Policy Making in the USA, India and Iran.** Third World Quarterly, 2008.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações: e a recomposição da ordem mundial.** Objetiva, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). **Uma nação com alma de Igreja: religiosidade e políticas públicas nos EUA.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

VERGARA, Sylvia. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 4 ed. São Paulo:Atlas, 2003.

WARNER, Carolyn M., WALKER, Stephen G. **Thinking about the Role of Religion in Foreign Policy: A Framework for Analysis.** Foreign Policy Analysis, 2011.